



ISSN: 1983-8379

## Escritas de si, escritas do pai: continuidade e ruptura

Cássia Helena Vassão Araujo<sup>1</sup>  
Érica Luciana de Souza Silva Vasco<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho traz uma análise da obra escrita pela autora francesa Annie Ernaux, “O lugar”. Em uma trama autobiográfica e, por vezes, metalinguística, a narrativa pode ser dividida entre a narração da vida de Annie por ela mesma e a vontade de escrever sobre a vida do pai, a qual é relatada em meio a reflexões e intromissões da narradora. Com o auxílio da teoria de Barthes, em “Aula”, pretende-se discutir o poder da linguagem e do discurso na obra de Ernaux.

**Palavras-chave:** Autobiografia; Linguagem; Relação social; Barthes.

**ABSTRACT:** This paper presents an analysis of the work written by French author Annie Ernaux, "The Place". In an autobiographical story, and sometimes, metalinguistic, the narrative can be divided between the narration of the life of Annie by herself and wanted to write about his father's life, which is reported in the midst of reflections and interference of the narrator. With the help of the theory of Barthes, in "Lecture" is intended to discuss the power of language and discourse in the work of Ernaux.

**Key-words:** Autobiography, Language, Social Value; Barthes.

*O lugar*, de Annie Ernaux, consiste em uma história multifacetada e, por vezes, perturbadora, que pode ser dividida entre a narração da vida do pai, um homem simples, e a da filha, uma mulher letrada e culta. Durante a narrativa, vão sendo desvendados os aspectos semelhantes, de continuidade entre uma vida e outra, ao mesmo tempo em que se evidencia a crescente ruptura entre elas. Situação esta que, à primeira vista, pode parecer paradoxal, será esclarecida ao longo deste artigo.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>2</sup> Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.



ISSN: 1983-8379

Embora não haja, durante a história, uma relação explícita entre o nome da narradora e o nome da autora, *O lugar* pode ser considerado um texto autobiográfico. Para se estabelecer o texto como autobiográfico, algumas variantes, como tempo e espaço, devem ser consideradas.

De acordo com Lejeune, um dos grandes nomes da pesquisa autobiográfica na contemporaneidade, o leitor pode suspeitar, embasado nas semelhanças presentes no texto, que autor e personagem são os mesmos. Sendo assim, é necessário que aquele detenha algumas informações sobre o autor para sustentar essa desconfiança. Não se trata apenas de uma leitura da interioridade do autor.

Em relação ao autor, pode haver defasagem entre sua intenção inicial e a intenção que lhe será atribuída pelo leitor, seja porque o autor desconhece os efeitos produzidos pelo modo de apresentação que escolheu, seja porque entre ele e o leitor existem outras instâncias: muitos elementos que condicionam a leitura. (LEJEUNE, 2008, p.57)

“Para que haja autobiografia, (...) é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem” (LEJEUNE, 2008, p.15). No caso da obra em estudo, além das ligações entre autor, narrador e personagens circunscritas à obra, há o extratexto; a própria contracapa da edição traz informações que comprovam o teor autobiográfico do texto que vai ser lido.

Assim, começa-se a leitura de duas histórias de vida intimamente ligadas, não só pelos laços familiares, mas também pelos sociais. O ciclo familiar começa pelo avô analfabeto, continua pelo pai parcamente letrado e termina pela filha formada professora por uma das mais consideradas instituições de ensino da França.

O avô era um homem simples, que não sabia ler nem escrever, e acreditava que livros e leitura serviam apenas para perder tempo. Vivia no campo e em completa miséria. Neste espaço o asseio era mais importante que a leitura: “tal como a limpeza, a religião dava-lhes dignidade.” (ERNAUX, 1983, p.21). Já o pai sabia ler e escrever, um avanço em relação ao avô. Viveu no campo até a guerra – “através da tropa, meu pai entrou no mundo.” (ERNAUX, 1983, p.25). Depois da guerra, o pai recusa-se a voltar para o campo. Não quis retornar à “cultura”; nem para a cultura no sentido de cultivar a terra e nem para a cultura no sentido de arte.



ISSN: 1983-8379

A história inicia-se com o episódio do processo de seleção do CAPES em um liceu de Lyon, na *Croix-Rousse*. O ponto para a prova-aula foi *Pai Goriot* de Balzac. A partir do conhecimento do enredo da obra balzaquiana tem-se um indício do que esperar da narrativa de *Ernaux*. Antigamente um senhor de posses que enriquecera durante a Revolução Francesa, *Goriot* cria as duas filhas sozinho depois da morte da mulher. Rodeadas de luxo, as irmãs casam e se tornam, respectivamente, condessa de *Restaud* e baronesa de *Nucingen*. *Goriot*, agora velho e falido, é apenas uma lembrança ruim da origem das moças, que, para evitar os mexericos parisienses, escondem o pai.

*Pai Goriot* não deixa de ser uma alusão ao pai da narradora. De maneira semelhante à daquelas mulheres que se envergonham do pai, a narradora tece toda uma retrospectiva autobiográfica da sua vida e do pai a fim de buscar no passado a origem do mal estar do presente na tentativa de justificar suas ações e o futuro.

Essa trajetória é contada através de uma linguagem seca, objetiva, quase utilitária, que dá um tom único a essas vidas. Há uma “economia” no escrever que acentua a crueza dos fatos e das relações familiares e sociais encontradas na narrativa. É a própria narradora que esclarece: “Simplesmente porque essas palavras e essas frases definem os limites e a cor do mundo em que viveu meu pai, no qual vivi também. Aqui nenhuma palavra pode ser tomada por outra”. (ERNAUX, 1983, p. 35)

Da mesma forma, a história de uma vida não pode ser tomada pela outra. Apesar da evidente continuidade entre a vida do pai e a da filha, há uma diferença e uma ruptura entre elas. O pai está em um limiar, pois, por mais que tente, não consegue deixar de ser o camponês e o operário que um dia foi. Ele não pertencia a um único lugar. Era meio operário, meio comerciante. Não fazia parte do sindicato, mas também não era considerado um grande mercador. A família até alcança uma relativa ascensão financeira, mas não deixa a miséria, no máximo, para um pouco acima dela.

Na mercearia da família, o pai não era o mais humilhado, afinal, ali ele era o patrão. Naquele ambiente, colocava “os inferiores” no seu devido lugar, ao cobrar uma dívida atrasada ou ao recusar-se vender fiado. Entretanto, quando se deparava com pessoas que



ISSN: 1983-8379

considerava importantes, mostrava um embaraço tímido, nunca fazendo quaisquer perguntas. Em suma, comportando-se com inteligência. Esta consistia em perceber nossa inferioridade e em recusá-la escondendo-a o melhor possível. Uma tarde inteira procurando saber o que a diretora tinha querido dizer com: 'Para este papel, a vossa filha usará um vestido de cidade'. Vergonha por ignorarmos o que forçosamente saberíamos se não tivéssemos sido o que éramos, quer dizer, inferiores. (ERNAUX, 1983, p. 47).

É uma dualidade que perpassa o texto e deixa clara a ausência de um lugar específico na vida desses personagens. Há um embate social que tem como viés a linguagem. Em seu texto, Barthes descreve esse fenômeno como as variadas instâncias do poder.

A "inocência" moderna fala do poder como se ele fosse um: de um lado, aqueles que o têm, de outro, os que não o têm; acreditamos que o poder fosse um objeto exemplarmente político, acreditamos que ele se insinua nos lugares onde não o ouvíamos... Adivinhamos então que o poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos. (BARTHES, 1997, p. 10)

Em seu texto *Aula*, Roland Barthes afirma que o poder se inscreve na linguagem, de maneira mais abrangente na língua, "o poder (*a libido dominandi*) aí está, emboscado em todo e qualquer discurso, mesmo quando este parte de um lugar fora do poder." (BARTHES, 1997, p.10). Discorre ainda que existem vozes diversificadas autorizadas a pronunciar e a ouvir o discurso do poder: "por toda parte, de todos os lados, chefes, aparelhos maciços ou minúsculos, grupos de opressão ou de pressão: por toda parte, vozes 'autorizadas', que se autorizam a fazer ouvir o discurso de todo poder" (BARTHES, 1997, p.11).

O pai se cala em seu discurso, fazendo-se uma voz autorizada a ouvir o discurso de poder emitido por quem ele considera superior a si. É o que acontece quando clientes mais abastados entram em sua mercearia. Emitem a sua opinião e o pai limita-se apenas a concordar com um balbúcio ou meneio de cabeça. Mais tarde, o mesmo sucede quando as amigas da filha frequentam a sua casa e ele procura mudar a sua rotina para receber quem considera superior. Inclusive o neto, uma criança, se insere nessa perspectiva de poder.

Mesmo quando o pai torna-se proprietário de seu próprio negócio, há "o medo de estar deslocado, de ter vergonha" (...) como no episódio em que vai ao "notário, (onde) teve de ser o primeiro a escrever 'lido e aprovado', ele não sabia como ortografar e escreveu 'aprovar' Ficou incomodado, obcecado por esse erro, no caminho de regresso. A sombra da



ISSN: 1983-8379

indignidade” (ERNAUX, 1983, p.46-47). Quem dá o passo à frente e vence essa “indignidade” é a filha, com o seu diploma.

No entanto, não é tão simples assim. Apesar da cultura, do conhecimento adquirido, o lugar de onde vem faz diferença na vida dessa filha. O conflito é evidente, principalmente quando a narrativa deixa de ser apenas pautada nas lembranças alheias da vida do pai e passa a incluir a filha criança e jovem: “Agora digo frequentemente ‘nós’, porque durante muito tempo pensei dessa maneira e não sei quando deixei de o fazer” (ERNAUX, 1983, p.48). E ainda: “Tudo o que se relaciona com a linguagem é, na minha recordação, motivo de rancor e de embrulhadas dolorosas, muito mais que o dinheiro”. (ERNAUX, 1983, p.51).

Ultrapassar a miséria e conseguir ascensão econômica o pai até conseguiu, mas uma barreira invisível e muito mais significativa, a da cultura, permaneceu intacta durante toda a vida desse homem. Nunca pisou em um museu, nunca foi a uma festa da filha na escola, a única vez em que foi a uma biblioteca, não teve coragem de voltar, nem pra devolver o livro. Entretanto, a filha afirma: a “cada redacção (sic) conseguida, mais tarde cada exame, eram outros tantos problemas resolvidos, a esperança de que eu seria melhor que ele” (ERNAUX, 1983, p.58).

Em dado momento, marcado na narrativa como sendo aos 16 anos da filha, acontece um distanciamento entre eles. “O meu pai entrou para a categoria das *pessoas simples*, ou *modestas*, ou *boas pessoas*. Já não ousava contar-me histórias da sua infância. Eu já não lhe falava dos meus estudos” (ERNAUX, 1983, p.63). O gosto pelos estudos da filha passa a ser motivo de constantes alterações na família. Para o pai, era embaraçoso a filha não trabalhar, pois para ele “os estudos era um sofrimento obrigatório para chegar a uma boa situação e *não casar com um operário*”. (ERNAUX, 1983, p.63) e “não tinham relação com a vida de todos os dias” (ERNAUX, 1983, p.64). A situação foi se agravando, e “a discussão rebentava à mesa por tudo e por nada” (ERNAUX, 1983, p.65). Até o ponto em que ela nos confessa: “Escrevo talvez porque já não tínhamos nada para dizer um ao outro” (ERNAUX, 1983, p.66).

Pouco tempo depois, porém, o pai fica doente e precisa ser operado. Daí em diante as explosões entre pai e filha findam, dando lugar a uma resignação de ambas as partes. O pai, alquebrado, não mais tem vigor para discutir, muito menos para trabalhar como antes. A filha



ISSN: 1983-8379

casa-se, e o marido não aceita a convivência com os sogros, pois “como poderia um homem nascido numa burguesia doutorada, (...) ter prazer na companhia de *gente simples*”. (ERNAUX, 1983, p.77).

Então ela passa a visitar os pais sozinha, depois com o filho. Mas, nessas ocasiões, a distância era ainda mais sentida: “senti-me separada de mim mesma” (ERNAUX, 1983, p.77). Como se a mulher que ela se tornara tivesse dificuldade em relacionar-se com a criança, a jovem e a mulher que ela era no contato com os pais. Como se ela precisasse ser mais de uma para abarcar os dois papéis sociais.

Ao escrever a história da vida de seu pai, a narradora “paga uma dívida” com o mundo que a criou e possibilitou a vida que agora desfruta. “Acabei de descrever a herança que tive que depositar no limiar do mundo burguês e culto, quando nele entrei” (ERNAUX, 1983, p.88). O pai era o “barqueiro entre duas margens” que a transportou de um mundo para outro. Apesar das diferenças e incompatibilidades, ela presta sua homenagem ao escrever este livro, aceitando suas origens ao mesmo tempo em que tenta lidar com elas. Só resta seguir e viver o papel que o pai sonhou para ela. “Talvez o seu maior orgulho, ou mesmo a justificação de sua existência: que eu pertencesse ao mundo que o tinha desprezado” (ERNAUX, 1983, p.89).

Essa dívida, essa espécie de sentimento de culpa que a narradora parece carregar é sugerida na epígrafe do livro: “Arrisco uma explicação: escrever é o último recurso quando se traiu” (ERNAUX, 1983, p.6). É declarada uma situação de traição que a escrita procura expurgar. Que tipo de traição? A menção do livro de Balzac, *Pai Goriot*, responde: trai-se o próprio pai. Estendendo o sentido da afirmativa, pode-se assegurar que a traição ocorre num plano social e cultural. Ao tornar-se uma mulher letrada, culta, a filha “trai” todo um conjunto de tradições e valores defendidos por seus avós e pais. Valores esses que não mais fazem parte do seu cotidiano, uma vez que o mundo em que ela vive - o mundo burguês - não permite e não tolera essa herança.

No fim da narrativa, há a comprovação dessa traição, ou melhor, a prova circunstancial de que essa mulher realmente transpôs o limiar entre as duas classes: o episódio em que ela encontra uma ex-aluna trabalhando como caixa de um supermercado. As duas travam um pequeno diálogo, a menina diz que não conseguiu fazer o curso técnico, mas a antiga professora nem se lembrava mais do nome, muito menos da opção que a antiga aluna



ISSN: 1983-8379

aspirava. “Disse-lhe ‘até a vista’. Ela agarrava já as compras seguintes com a mão esquerda e digitava sem olhar com a mão direita” (ERNAUX, 1983, p.91).

Por um lado, essa menina poderia ter sido ela própria, se não tivesse tido a oportunidade (dada pelo pai) de estudar; por outro, ela, enquanto professora e intelectualizada, encontra-se muito distante da menina simples cujo trabalho é manualmente automatizado. Ou seja, se ela tivesse seguido as tradições e valores de seus avós e pais, poderia ter acabado caixa de supermercado, ou em outra profissão similar. No entanto, ao “trair” sua origem, ao se formar numa instituição elevou-se socialmente.

Uma ocorrência significativa na obra de *Ernaux* é o uso que a mesma faz da palavra lugar. Esta palavra, além de dar título à obra, é usada em vários outros contextos e com diferentes significados. A autora principia utilizando a palavra lugar para designar o espaço físico em que vai se desenrolar a narrativa. A aldeia da região de Caux, uma moradia em Y, em L... a trinta quilômetros de Havre, o café-mercearia de La Vallée são exemplos deste significado da palavra lugar.

Outro sentido dado à palavra é o de lugar como espaço social. Metaforicamente, a narradora usa este vocábulo buscando apresentar o lugar social que pai e filha se situavam e aquele que o pai desejava ser alcançado pela filha. “Procurava pôr-se no seu lugar.” (ERNAUX, 1983, p. 34).

Em outro contexto, a palavra lugar refere-se diretamente à condição social do pai e como o mesmo se sentia subjugado pelos os que ele considerava superiores a si mesmo. “Um café de clientela fixa, bebedores regulares de antes ou de depois do trabalho, com lugares marcados...” (ERNAUX: 1983, P. 41). É a demarcação de espaços de acordo com a posição social de cada indivíduo.

“Entre uma coisa e outra, tomar o lugar da minha mãe na mercearia, sem prazer, preferindo a vida do café, ou talvez não preferindo nada...” (ERNAUX, 1983, p. 60). Já neste excerto, lugar se refere à posição alcançada na escala social da família. Em toda a descendência ninguém havia sido dono de nada. O pai era o primeiro proprietário e a mãe possuía o lugar de esposa de proprietário. Era comum esposa e filhos ajudarem no negócio do pai.



ISSN: 1983-8379

Finalmente a palavra lugar tomada como espaço conquistado pela filha de acordo com os seus esforços nos estudos e sonhos. “O Estado dava-me de presente o meu lugar no mundo. A minha saída da escola, a meio do ano, desorientou-o. Não compreendeu que eu saísse, por uma questão de liberdade, de um lugar tão seguro, onde estava como na engorda. (ERNAUX, 1983, p. 70,71). O Estado oferecia a posição que pai e filha esperavam. Um lugar no mundo fora da vida de operários. “Os estudos eram um sofrimento obrigatório para chegar a uma boa situação e não casar com um operário.” (ERNAUX, 1983, p. 63). O pai não compreende e acaba se aborrecendo ao perceber que a filha foi muito além do que ele imaginava. “Os estudos, para ele, não tinham relação com a vida de todos os dias... Um dia disse-me: ‘Os livros, a música, é bom para ti. Eu não tenho necessidade disso para viver.’” (ERNAUX, 1983, p. 64 e 65).

Em outras passagens da narrativa é possível estabelecer a noção de lugar como delimitação social, embora a palavra não tendo sido citada. “A escola, uma instituição religiosa como a minha mãe queria, era para ele um universo terrível, como a ilha de Laputa...” (ERNAUX: 1983, p. 57-58).

O título da narrativa utiliza da palavra lugar procurando descrever essa ausência de lugar, ou a busca de um lugar. Viver no espaço dos operários e através do pai, esse barqueiro no limiar dos dois lugares, alcançar o espaço burguês. “Emigro lentamente para o mundo pequeno-burguês, admitida nessas festas cuja única condição de acesso, mas tão difícil, consiste em não ser tolo.” (ERNAUX: 1983, p. 62)

Mas antes é necessário depositar nos umbrais da entrada da nova classe social toda a herança (costumes, tradições, língua) adquirida em toda a sua vida: “Acabei de descrever a herança que tive de depositar no limiar do mundo burguês e culto, quando nele entrei.” (ERNAUX:1983, p. 88).

No entanto, “escolhemos no nosso lugar...” (ERNAUX: 1983, p. 89). A narradora sabe que fez uma escolha, a de pertencer ao mundo que havia desprezado o seu pai. Aparentemente se sente realizada com o lugar conquistado “agora, sou realmente uma burguesa e é demasiado tarde.” (ERNAUX: 1983, p.17). Entretanto a segunda parte da citação – “e é demasiado tarde” – demonstra uma certa angústia e a constante busca do seu lugar.





ISSN: 1983-8379

## Referências

BARTHES, Roland. Aula - aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

ERNAUX, Annie. *O Lugar*. Portugal: Editorial Fragmentos, lda, 1983.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico de Rousseau à internet*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.